

# Entrevista

**OSWALDO GIACOIA JR.**

## Entrevista a Oswaldo Giacoia Jr.

Entrevista conduzida por  
**Gianfranco Ferraro**<sup>1</sup>

**Do Brasil para o mundo,  
do mundo para o Brasil.  
Converter-se à filosofia  
num continente de espiritualidades**

**Oswaldo Giacoia Jr.** é professor titular do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Tem bacharelado e mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), bacharelado em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP). É doutor em Filosofia pela *Freie Universität Berlin*. Fez pós-doutorado em Filosofia: Berlim (*Freie Universität Berlin*); Viena (*Universität Wien*); e Lecce (*Università del Salento*). É investigador do Programa de Produ-

---

<sup>1</sup> Centro de Estudos Globais, Universidade Aberta, Portugal. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-4449-6127>.

tividade em Pesquisa do CNPq. Foi presidente da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (Anpof). Exerceu a função de coordenador do comitê assessor da área acadêmica de Filosofia nas instituições governamentais Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), vinculado ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações; e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), vinculada ao Ministério da Educação. É membro do comitê científico dos periódicos internacionais *Nietzsche-Studien* (Walter de Gruyter) e *Schopenhaueriana. Collana del Centro Interdipartimentale di Ricerca su Arthur Schopenhauer dell'Università del Salento*. É autor, entre outros, dos seguintes livros: *Sala de espelhos. Nietzsche e o perspectivismo* (Curitiba: Kotter, 2023); *O leitor de Nietzsche* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022); *Ressentimento e vontade* (Rio de Janeiro: Via Verita, 2021); *Agamben. Por uma ética da vergonha e do resto* (São Paulo: N-1, 2018); *Nietzsche. O humano como memória e como promessa* (Petrópolis: Vozes, 2013); *Heidegger urgente. Introdução a um novo pensar* (São Paulo: Três Estrelas, 2013).

**P & R**

1. **O Professor Oswaldo Giacoia é hoje uma das maiores figuras intelectuais do Brasil, não apenas no âmbito da filosofia. Sem dúvida, porém, é na filosofia que o seu trabalho tem as suas raízes. Começamos, portanto, por aqui. Quando se pergunta o que é a filosofia, sabemos que cada filósofo, ao longo da tradição ocidental, respondeu à sua maneira. Aliás, autores como Deleuze ou, mais recentemente,**

**Agamben, propuseram obras cujos títulos coincidem com essa pergunta. Gostaria de lhe fazer uma pergunta semelhante, mas mais concreta: o que significou a filosofia para si? Quando percebeu que a filosofia poderia ser o seu caminho biográfico, intelectual e acadêmico? Em poucas palavras: quando foi que o Professor Oswaldo viveu a sua conversão à filosofia?**

Agradeço penhoradamente pela imensa generosidade das palavras a meu respeito, que só podem ser creditadas à bondade do entrevistador, e não a supostos méritos do entrevistado. **Filosofia foi para mim, desde o primeiro contacto com ela, uma experiência de conversão.** Sou proveniente de uma cidade no interior do Paraná (Ribeirão Claro), e, concluído o antigo ginásio, mudei-me para São Paulo para ingressar no ciclo de formação então chamado de curso clássico (ensino médio). Meu propósito, que era também o de minha família, era que eu fosse aprovado na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, onde se formara também meu pai. Logo no primeiro ano do clássico, tive oportunidade, graças à competente atuação de minha professora de História da Filosofia (a inesquecível mestra Zelinda Casella, professora do Liceu Pasteur de São Paulo), de ler e estudar alguns dos diálogos de Platão. Foi então que descobri um universo, absolutamente inaudito para mim, uma atração irresistível. Concluído o ensino médio, fui aprovado nos vestibulares para Direito e também Filosofia, e meu relacionamento com a área do Direito passou a ser determinado por pesquisas, reflexões e es-

tudos situados na interface entre o jurídico e o filosófico, razão pela qual, além da História da Filosofia, meu trabalho é dedicado também à Filosofia do Direito, à Ética e à Filosofia Política. Minha opção foi pela carreira docente e de pesquisador, e não pela carreira estritamente jurídica, como é tradição em minha família. **Filosofia tornou-se, também para mim, «forma de vida».**

---

**2. O Brasil sempre foi muitas coisas. Hoje, porém, a múltipla identidade deste país é ainda mais relevante para o mundo, considerando o crescimento económico e a autonomia com que a República Federativa do Brasil pretende desempenhar um papel de primeiro plano no contexto global. É importante, portanto, refletir também sobre as profundas divisões que atravessam atualmente o Brasil e que fazem do país, por um lado, um espelho e, por outro, uma esperança para a humanidade. Qual é o caminho que o Professor Oswaldo antevê para o Brasil contemporâneo?**

Há algum tempo o Brasil foi considerado como «o país do futuro». Um diagnóstico que foi interpretado de maneiras muito diferentes ao longo do tempo. Sem dúvida, o aspecto econômico, o desenvolvimento e justiça social são de grande relevância para o presente e o futuro do Brasil no contexto do ordenamento político e jurídico internacional. Nosso país continua sendo marcado por profundas divisões e contrastes, dos quais se originam desequilíbrios, instabilidades e graves fenômenos de injustiça que a responsabilidade política dos brasileiros tem de enfrentar corajosa-

mente. No momento, porém, gostaria de destacar alguns outros aspectos, que considero de relevância fundamental, em vista de caminhos e tarefas para o Brasil e os brasileiros: por um lado, a preocupação com as **condições históricas de formação da sociedade e da cultura** brasileira, o que implica a atenção responsável e o cuidado com os **povos indígenas**, assim como com aqueles que foram e permanecem especialmente vulneráveis. Por outro lado, considero que, no contexto da mutação climática, **a questão amazônica**, em todos os sentidos do termo, é de relevância estratégica para o futuro da vida humana e extra-humana no planeta Terra. **Tais questões são fundamentais para uma filosofia no Brasil e do Brasil.**

---

**3. Mencionei a multiplicidade brasileira. Há uma dimensão que o Professor tem ressaltado frequentemente nos últimos tempos, ou seja, o imenso património espiritual do Brasil. Um património e uma síntese que não encontramos, nessa magnitude, em outras regiões do mundo: refiro-me ao candomblé, por exemplo, e à tradição sincrética a que deu origem. Mas refiro-me também às tradições amazônicas e à espiritualidade política dos povos indígenas. Um autor em particular, Davi Kopenawa, é fundamental não apenas pelo que diz sobre o seu povo, mas também pela necessidade que aponta para que o mundo, especialmente o «ocidental», transforme a sua forma de se relacionar com o meio ambiente e com a técnica. Parece existir um Brasil, por assim dizer, ainda oculto, um tesouro que talvez seja o menos evidente: um Brasil repleto de formas de espiritualidades distintas e de maneiras diversas de conceber o mundo, que, num contexto global cada vez mais homo-**

**géneo, pode abrir novos espaços de possibilidade, não é?**

Esta rica profusão, mas também mistura de **legados espirituais oriundos** de muitas e distintas experiências de mundo, da Europa, da África, da Ásia e das Américas, por exemplo, tem sido considerada responsável por aquilo que se procurou identificar como uma espécie de erro capital na formação do povo e da cultura brasileira: a crônica preguiça, a indolência, a tendência ao anarquismo, a falta de força de coesão, a aversão à disciplina, que muito facilmente se combina com uma sensível inclinação pelo prazer na dominação, com o autoritarismo, com a tirania, o que também muito contribui para a eterna infância dos brasileiros.

Como afirmou certa vez o antropólogo Darcy Ribeiro a respeito dos brasileiros, pior do que nossos alegados defeitos, seriam talvez os seus contrários, como o servilismo, a gravidade, a inflexível rigidez. É **apropriando-se criativamente** das proto-células étnicas de nossa cultura que podemos lidar melhor com nossa «natureza», fazendo-o de maneira muito melhor do que por meio de **eliminação, erradicação e extermínio**. Nós podemos transformar as energias que se encontram também nos supostos erros e deficiências, para convertê-los em fundamentos de predicados e características positivas. Justamente este era o sentido da corrente artística brasileira que, em 1928, foi denominada *Antropofagia*: chegar a alcançar **um autêntico relacionamento** entre

a arte e a cultura brasileira e estrangeira. Não, porém, no sentido de uma recusa de tudo o que provém do exterior, mas no sentido de uma tentativa de assimilar tais elementos, de elaborá-los e fecundá-los. Não se pensava em evitar e prescindir daquilo que era bom na cultura estrangeira, mas internalizar aquilo que efetivamente é digno de ser incorporado.

Este caminho para a criação de um povo e de uma cultura, que resulta da assimilação e elaboração de um rico tesouro constituído de fatores contraditórios não é, de modo algum, uma experiência exclusivamente brasileira. Ele foi trilhado pela maioria das nações americanas e africanas. Ao nos aplicarmos reflexivamente a nós mesmos, **ao meditarmos sobre nosso próprio vir-a-ser**, sobre como lidar com os golpes do destino de nossa história, tornamo-nos também capazes de demonstrar **maior tolerância** em face das experiências de outras etnias. Este aspecto é particularmente importante porque até agora conceitos como os de progresso e atraso dos povos modernos foram definidos a partir de parâmetros oriundos de contextos europeus, razão pela qual estudos sobre o Brasil, a partir desta perspectiva, podem contribuir para a compreensão de **situações semelhantes** em outras experiências históricas e culturais.

Também para boa parte da antropologia e sociologia brasileira o subdesenvolvimento cultural do país é uma consequência direta e necessária dos «erros e deficiências originárias»

na formação de nosso povo, associada ao seu atraso econômico. Daí deriva a conhecida tese falaciosa de que um país economicamente subdesenvolvido tem de ter forçosamente também uma cultura subdesenvolvida – precisamente uma tese refutada pela *Antropofagia*, entendida como movimento cultural que se contrapõe à miopia deste entendimento, ao seu simplismo superficial e reducionista, contrapondo a ele **a capacidade e talento brasileiros para assimilar e elaborar criativamente, num sentido próprio**, a herança dos valores culturais dos povos originários, das matrizes africanas, e também das tradições europeias.

Nesta era de uma aparentemente e incontornável devastação, de dimensões planetárias, que ameaça com a destruição de toda particularidade de uma cultura, nós brasileiros nos beneficiaremos, mais do que nunca, de uma aproximação com o pensamento de Nietzsche neste sentido: **temos de organizar nosso caos**. Em relação a modelos sobrevividos, a dominação cultural estrangeira tem de ser negada, num processo de devoração, no qual a *Antropofagia* é sobretudo πόλεμος, translação e transposição – ruminação e incorporação das virtudes européias. Ao fazê-lo, ela devora os inimigos que considera corajosos, dos quais extrai a força viva para fortalecimento e renovação das próprias energias. E onde poderiam ser encontradas hoje estas novas forças de interpretação e transfiguração? Justamente lá onde abundam as fecundas contradições, onde fluem em abundância **correntes de força ca-**

**pazes de prover novas interpretações**, novas direções, novas constelações, onde ainda pulsa e vigora **o caos capaz de dar à luz uma estrela bailarina**.

---

4. **Ainda sobre espiritualidade. A América do Sul foi e continua a ser um espaço de grande experimentação para as religiões tradicionais. Até há pouco, o catolicismo teve um Papa argentino, jesuíta, que, no seu esforço de reforma da Igreja, procurou responder à crítica que um outro cardeal jesuíta, o cardeal Martini, fez há alguns anos, a saber, que a Igreja católica estava atrasada 200 anos. A reaproximação do Papa Francisco aos conteúdos da teologia da libertação, contudo, não parece ser capaz de impedir que o Brasil se torne, em breve, um grande país protestante – e de um protestantismo individualista e apocalíptico, como é o caso da Igreja Universal. O que está em jogo nesse «conflito pelas almas» contemporâneo? Qual pode ser o papel da filosofia neste conflito? E onde se posiciona um filósofo, como o Professor Oswaldo, caso seja possível e faça sentido assumir uma posição?**

De fato, a configuração da sociedade brasileira, em termos de religiosidade, é hoje muito diferente da do passado, mesmo do passado mais recente. A distribuição da população entre católicos e protestantes (tanto protestantes históricos quanto os novos movimentos pentecostais) foi consideravelmente modificada. Concordo também quanto ao risco de um predomínio de uma forma de **religiosidade paradoxalmente individualista e não propriamente apocalíptica, mas seduzida por uma ideologia da prosperidade**. Mas vou tomar a liberdade de deixar um pouco na sombra a

questão do «conflito pelas almas», para responder esta sua pergunta à luz do atraso da Igreja católica, diagnosticado pelo cardeal Martini. A este respeito, penso ser de extraordinária relevância que a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (a CNBB) tenha recentemente eleito o tema da **Fraternidade e Ecologia Integral** como diretriz de orientação para a Campanha da Fraternidade de 2025. Penso que esta escolha deriva da e reflete uma postura espiritual do **Papa Francisco**, profundamente preocupado pelas questões de justiça e reparação histórica que se agravaram com a mutação climática das últimas décadas. Trata-se de uma postura que traz à tona uma nova sensibilidade e novos modos de percepção, e situa a questão da identidade cultural no espaço aberto entre tarefa e destino. Refiro-me à **abertura intercultural, acolhedora e corajosa, manifestada pela Sé de Roma, na Pastoral Indígena** sob direção do Papa Francisco, que considera imprescindível fazer esforços para gerar espaços institucionais de **respeito e diálogo com os povos nativos**, no sentido de assumir e resgatar sua linguagem, cultura, tradições, direitos e espiritualidade – em chave autenticamente intercultural, como caminho para o reconhecimento e transformação de antigas relações historicamente marcadas por exclusão e dominação.

No ápice da crise ecológica fomentada pela dinâmica do progresso tecnológico autonomizado e pela **avidez insaciável de um capitalismo predatório**, que ameaça transformar

toda utopia em catástrofe e levar a cabo a devastadora pilhagem dos recursos e energias do planeta Terra, **a pastoral indígena** adverte para a perda de domínio sobre nossas próprias ações, para a necessidade de resgate do domínio de si como *autarqueia* (αυταρχία), na autêntica tradição da filosofia ocidental – isto é, para uma sinistra figura de impotência –, e para os perigos de uma sujeição irrestrita aos imperativos da racionalidade instrumental. Em minha opinião, este é um questionamento aberto numa dimensão essencialmente filosófica, no qual a posição da Igreja se modifica de uma maneira extraordinária, num espírito de lucidez e responsabilidade que é digno de reflexão.

---

5. **Voltemos à filosofia, com uma pergunta um pouco diferente: o que pode representar a filosofia, esse esforço de 2500 anos, para pensar o humano no mundo de hoje? E, num mundo global, onde as civilizações e as culturas se encontram a uma velocidade inimaginável no passado, como pode a filosofia garantir a sua persistência disciplinar? O Professor Oswaldo manifestou um interesse pelo pensamento oriental, budista, em particular. Faz sentido falar numa autonomia da filosofia ou será mais apropriado pensar que, como qualquer empreendimento humano, a filosofia ocidental acabará por se abrir e até mesmo se dissolver em outras formas culturais?**

Penso que num contexto como este, ao qual sua pergunta se refere, uma possibilidade de persistência da filosofia pode ser encontrada em sua vertente de **mediação intercultural**, aberta para **uma multiplicidade das pers-**

pectivas irreduzíveis à unidade de uma meta-perspectiva totalizante, como a que era característica da cultura euro-etnocêntrica. Neste sentido, a própria Europa pode ser tomada como sinônimo de uma grande perspectiva cultural, que abriga em seu interior uma multiplicidade de perspectivas diversas, dadas na história de sua tradição, renunciando, com isso, às suas antigas pretensões de uniformidade e totalização. Neste horizonte da interculturalidade, apresentam-se novas possibilidades de realização da eterna vocação filosófica para a universalidade, congênita à cultura ocidental-européia, bem como para o compromisso originário da filosofia com a verdade e a objetividade. A universalidade, porém, que certamente corresponde a uma exigência inalienável da razão, deixa de se identificar com sua tradicional formulação euro-etnocêntrica, e assevera-se como pretensão justa e possível unicamente **no diálogo entre a pluralidade dos mundos culturais e históricos**, sobre a base dos diferentes elementos que as experiências consolidadas nesses mundos disponibilizam como formas de vida autenticamente humana. Penso que assim a filosofia conserva seu genuíno espaço de **autonomia, que se assevera no diálogo entre as diferentes experiências culturais**, compreendidas como diferentes «mundos da vida», ou seja, **possibilidades de habitação humana no mundo**.

---

---

6. Se o Professor Oswaldo tivesse de acolher um jovem apaixonado por filosofia – imaginemos um rapaz de 18 anos que começa a se interessar pelo tema –, o que lhe aconselharia a fazer? O que lhe recomendaria ler? Por onde sugeriria que começasse? Por fim, considerando o que Nietzsche escreve em Schopenhauer como educador ou em *O porvir das nossas escolas*, seria nas faculdades de Filosofia que hoje se pode encontrar a única formação possível para a filosofia? Dito de outra forma: a organização universitária da filosofia corresponde ao apelo que nos vem da tradição filosófica?

Certamente a Filosofia, como disciplina universitária, constitui um setor no atual regime técnico de especialidades, inserido no sistema de divisão do trabalho intelectual. Neste sentido, a própria filosofia é **subdividada em compartimentações** que a fragmentam, tendendo para uma **erudição estéril**: história da filosofia, teoria do conhecimento, ética, estética, filosofias da mente e da ação, epistemologia, etc. Mas esta divisão técnica não esgota, de modo algum, o **potencial espiritual da filosofia**. Penso que o imaginário «jovem apaixonado por filosofia», a que sua pergunta se refere, poderia fazer uma autêntica experiência da riqueza e vigor deste potencial, ao deixar-se interpelar, sem açodamentos, por textos filosóficos seminais, como, por exemplo, os diálogos de Platão, ou as *Meditações de filosofia primeira de Descartes* – para limitar-me apenas a dois exemplos de **iniciação filosófica**.

---

---

7. Num mundo em que as certezas de ontem parecem não poder ser as certezas de amanhã, os países de língua portuguesa ainda partilham uma das poucas certezas que parecem se manter: a língua. Diz-se no Brasil, em tom de brincadeira, mas não sem fundamento, que Portugal é o país de língua portuguesa «mais próximo da Europa». Poderia esse espaço linguístico ser também um espaço cultural, um espaço do imaginário, capaz de se reinventar no futuro? E, se sim, como?

Sou-lhe especialmente grato por esta pergunta. Temos no Brasil uma **preocupação especial com a língua portuguesa**, e nos esforçamos por tornar possível aos brasileiros filosoficamente interessados um relacionamento com o mundo da filosofia, um envolvimento nos principais debates e questionamentos de nossos dias, que seja estabelecido **a partir de nossa própria tradição lusófona**. Esta preocupação não elimina, de modo algum, a necessidade de frequentar **os textos filosóficos em seus respectivos idiomas originais**, nem afeta os critérios de rigor analítico, filológico e hermenêutico. No entanto, não se pode deixar de relacionar o intenso e fecundo trabalho de tradução que se realiza atualmente no Brasil, em todos os campos de especialidade filosófica e de acordo com apurados padrões histórico-crítico-filológicos, a esta preocupação com a boa literatura filosófica em língua portuguesa. Penso, sim, que aqui se encontra uma **jazida para a criação de um espaço dialógico entre autores e leitores lusófonos, com promissoras perspectivas de futuro**.

8. O contexto universitário brasileiro dos últimos 30 anos é profundamente distinto daquele em que o Professor Oswaldo cresceu e se formou. A sua geração universitária foi marcada por uma formação ainda fortemente europeia: olhava-se para a Europa, para as universidades francesas, alemãs e italianas, em particular. Hoje, os investigadores brasileiros parecem ter maior consciência da autonomia e do potencial endógeno da produção acadêmica brasileira, inclusive no campo filosófico. De facto, toda a geração que tem hoje 40/50 anos parece finalmente sentir-se na condição de realizar um antigo sonho: um pensamento que, do Brasil, se projete para o mundo. O que acha desse quadro?

Efetivamente, o contexto universitário brasileiro na atualidade é muito diferente daquele da geração de nossos professores, e do nosso próprio contexto. Sem dúvida, caminhamos bastante em relação a um pensamento filosófico do Brasil e no Brasil, que tenha perspectivas realistas de se projetar para o mundo. Mas esta transformação apenas esboça as condições necessárias para sua consolidação, e se encontra muito longe disso ainda. Há **muito ainda que ser feito** nesse sentido.

---

9. Qual é, ainda hoje, o livro que o Professor Oswaldo recomendaria para quem deseja conhecer a sua obra? Em qual de seus livros ainda se sente mais representado?

Cada um dos trabalhos que publiquei corresponde a uma faceta diferente de minhas inquietações e interesses filosóficos. Como eles emanam, no fundo, de uma reflexão que tem

por fonte a obra filosófica de Friedrich Nietzsche, talvez meus livros sobre os escritos deste filósofo tornem possível uma compreensão mais abrangente do trabalho que procuro realizar.

---

**10. Sobre o que está a trabalhar atualmente?  
Qual é a obra que ainda está por escrever, por assim dizer?**

Para mim, muitas são as questões em efervescência atualmente, em processo de elaboração espiritual, à espera das condições indispensáveis para que possam vir à expressão escrita. Para mencionar algo mais concreto, acabei de publicar meu último livro: *Perspectivismo e Interculturalidade*. Acredito que minhas respostas anteriores transmitam um pouco da «atmosfera espiritual» deste novo livro.